

JESUS E A MOEDA DO IMPERADOR CESAR

Evangelho de Marcos Capítulo 12:13-17

(12.13) Mais tarde enviaram a Jesus alguns dos fariseus e herodianos para o apanharem em alguma coisa que ele dissesse. (14) Estes se aproximaram dele e disseram: “Mestre, sabemos que és íntegro e que não te deixas influenciar por ninguém, porque não te prendes a aparência dos homens, mas ensinas o caminho de Deus conforme a verdade. É certo pagar imposto a César ou não? (15) Devemos pagar ou não?” Mas Jesus, percebendo a hipocrisia deles, perguntou: “Por que vocês estão me pondo à prova? Tragam-me um denário para que eu o veja.” (16) Eles lhe trouxeram a moeda, e ele lhes perguntou: “De quem é esta imagem e esta inscrição?” “De César”, responderam eles. (17) Então Jesus lhes disse: “Dêem a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. E ficaram admirados com ele.

A semana da Páscoa era um período durante o qual o entusiasmo político no subjugado povo judeu era muito evidente. A festa lembrava a libertação do Egito e o povo estava dominado pelos romanos; qualquer aclamação de um herói judeu facilmente acabaria em uma revolta, dando às forças de ocupação, razão para violência. Era interesse inerente as autoridades do Templo, evitar qualquer tumulto e para isso, as atividades do pregador da Galiléia precisavam ser cortadas, porém de maneira sutil para não aborrecer as multidões que gostavam de ouvi-lo. Nas dependências do Santuário, a “polícia do Templo”, a única força armada judia oficialmente tolerada, era responsável pela ordem. Cabia a ela prender eventuais desordeiros.

Se Jesus fosse apanhado em desobediência à autoridade do Templo, seria possível prendê-lo com o apoio da lei. Do outro lado, se Ele caísse numa emboscada, procurando instigar o povo à desobediência perante a autoridade romana, também haveria como denunciá-lo e livrar-se dele. As forças romanas, então, se ocupariam do suposto “rebelde”.

Assim, uma comissão formada de dois grupos distintos se apresentou a Jesus, procurando apanhá-lo numa palavra errada.

(13) Mais tarde enviaram a Jesus alguns dos fariseus e herodianos para o apanharem em alguma coisa que ele dissesse.

Os fariseus, como sabemos, gozavam de simpatia popular, porque eram verdadeiros judeus, patriotas, não de aspirações à riqueza mundana, conhecedores e intérpretes da lei, sempre agindo de acordo com o interesse do povo judeu. Eles odiavam os romanos e dificilmente algum deles entraria em acordo com os interesses dos ocupantes, apolíticos como eram. Zelavam pelo cumprimento da lei de Deus e em questão de sua interpretação já haviam travado vários confrontos com Jesus. Se Jesus pecasse contra a lei, seriam eles que o apanhariam na falta. Junto com esses especialistas da lei vieram alguns herodianos. O “rei fantoche”, Herodes, por tradição de região judia, apreciava as artes, o esporte e a filosofia pagã. Como autoridade local, responsável também pela Galiléia e tendo sido imposto pelos romanos, a estes devia obediência. Junto com os fariseus vieram alguns adeptos do rei. Se Jesus revelasse alguma intenção contra as autoridades romanas, seriam eles quem o pegariam. Na presença dos fariseus, conhecidos como “Anti-romanos”, eles julgariam ser fácil apanhar alguém em palavra de desobediência política.

(14) Estes se aproximaram dele e disseram: “Mestre, sabemos que és íntegro e que não te deixas influenciar por ninguém, porque não te prendes a aparência dos homens, mas ensinas o caminho de Deus conforme a verdade.

Não sabemos até que ponto os elogios pronunciados pelos fariseus eram sinceros. Sabemos que alguns deles tinham Jesus em alta estima por causa de Sua sabedoria. Quando eles declararam que Jesus ensinava “o caminho de Deus”, eles Lhe atestaram que instruíam de maneira clara, ensinava bem a maneira pela qual Deus queria que o povo pensasse e vivesse. Não havia como duvidar da religiosidade de Jesus e seu respeito ante a lei.

De repente, alguém do grupo apresentou uma pergunta explosiva a Jesus:

(14) É certo pagar imposto a César ou não? (15) Devemos pagar ou não?”

Só podemos entender a dinamite contida nesta pergunta se soubermos algo sobre o histórico deste imposto. O texto original da pergunta, em grego, diz: “...é ‘permitido’ pagar...”, isto é, permitido pela lei de Deus? A lei de Deus aprovaria esse tributo? Essa era uma pergunta que fervilha nos corações revoltados por ocasião da Páscoa, época em que qualquer judeu sentia profundamente o peso da inquisição romana. Ela pode ter levado os fariseus a consultar seriamente a Jesus, mas a presença dos herodianos representava perigo. Poucos anos atrás, um tal de “Judas Galileu” havia conclamado o povo à resistência contra os romanos, declarando traição a Deus pagar tributo a senhores pagãos, que se faziam deuses. A rebelião foi debelada cruelmente. Para então demonstrar seu desprezo para com a “plebe supersticiosa judia”, Pilatos, o governador romano, havia instaurado um tributo pagável diretamente ao imperador

odiado em Roma. Para ferir o judeu em sua religiosidade, mandou imprimir na moeda, com a qual se pagava esse tributo (“tributum capitis”), a imagem do imperador; fato que vinha diretamente contra o segundo mandamento de Deus. No verso da moeda constava “TIBÉRIO CÉSAR AUGUSTO – FILHO DO DIVINO AUGUSTO, SUMO SACERDOTE”. A moeda era facilmente interpretada como uma blasfêmia por qualquer bom judeu. Dos últimos sessenta e dois levantes dos judeus contra os ocupadores gregos e romanos, desde Macabeus (167 a. C.) até Bar-Kochba (123 d.C.), todos menos um deles, começaram na Galiléia com a negação desse tributo (cit. PinchasLapide).

A cilada, perante a qual Jesus se via, era quase perfeita: se Ele concordasse com o pagamento, seria tido por todos os peregrinos presentes, sedentos de liberdade, como covarde e traidor dos judeus; mas negando-o, perante os ouvidos atentos dos herodianos seria desmascarado como rebelde político, imediatamente preso por incitação ao povo.

(15) Mas Jesus, percebendo a hipocrisia deles, perguntou: “Por que vocês estão me pondo à prova? Tragam-me um denário para que eu o veja.”

Moeda do Imperador na época de Yeshua

Um Aureus = Um Denário com a imagem do imperador Tibério, juntamente com a inscrição TI CAESAR DIVI AVG F AVGUSTVS (Tibério César Augusto, filho do divino Augusto). Imperador Tibério, que reinou 14-37 dC, conseguiu estabilizar o Império e melhorar as finanças. Ele terminou as tentativas de conquista do território germânico e o reforço das fronteiras. Ele consolidou seu poder político, sistematicamente eliminando seus rivais. Durante sua regência, por volta do ano 30, Jesus Cristo foi espancado até a cruz.

Fica evidente que Jesus não possuía esta moeda, o “denário tiberiano”. O Talmude menciona um tal Rabbi Menachem Bem Simai, “filho dos Santos”, porque este nunca na sua vida havia nem olhado para essa moeda, pois ela feria o segundo mandamento de Deus: a proibição de fazer imagens. O mestre da Galiléia tampouco possuía essa moeda, portanto, mandou que lhe a apresentassem.

(16) Eles lhe trouxeram a moeda, e ele lhes perguntou: “De quem é esta imagem e esta inscrição?”

A palavra chave é “imagem”, a mesma contida no segundo mandamento de Deus:

“Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, na terra ou nas águas debaixo da terra” (Ex. 20.4).

A palavra “imagem” também lembra Gênesis 1.27:

“Criou Deus o homem a sua imagem, a imagem de Deus o criou”.

Jesus forçou de seus interpeladores a resposta:

(16) “De César”, responderam eles.

A moeda do odiado tributo agora eles a tinham em suas mãos, em seus bolsos e perguntavam se era “permitido” pagar o tributo? Quanta falsidade!

(17) “Então Jesus lhes disse: “Dêem a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”.

O termo original em grego diz explicitamente “devolvam” no lugar do “dêem” da nossa tradução. Vocês usam a moeda do imperador e não consideram isso pecado? Mas pagar o tributo seria pecado? Então primeiro devolvam ao imperador o que é dele! Devolvam ao imperador seu dinheiro amaldiçoado! Só devolvendo, ficarão puros. Só então poderão dar a Deus o que é dele, isto é: tudo! A moeda com a imagem do imperador devemos a este, mas a nós mesmos, feitos imagens de Deus, devemos a Deus e a Ele somente.

Muitos desentendimentos e trágicas implicações históricas vieram da forma que ela foi entendida na interpretação grega. O pensamento hebraico era totalmente oposto. Entrou na história da igreja a trágica interpretação ocidental. Lutero, por exemplo, viu na resposta de Jesus a sua “teologia dos dois reinos” confirmada. Dois Reinos que não se misturam. O de Deus e o do governo. Para ele, devíamos obediência aos dois.

Do outro lado, o papa Bonifaz VIII usou no ano 1308, na bula papal, “Unam Sanctam”, a argumentação para exigir obediência ao Reino terreno da Igreja. Nenhuma das duas grandes figuras da história cristã ficou se perguntando porque Jesus, como bom judeu, podia na sua resposta mencionar primeiro os direitos de César e só então falar dos direitos de Deus! Era algo inconcebível para um judeu! E mais: ninguém havia perguntado a Jesus sobre o que é

devido a Deus; a pergunta limitava-se à obrigação para com o Imperador. Aos que interpelaram Jesus interessava a questão do poder. Jesus, no entanto respondeu quanto à obediência. Ele mesmo havia declarado em outro lugar que:

“ninguém pode servir a dois Senhores” (Mateus 6.24).

“Tudo vem de ti, e nós apenas te devemos o que vem de tuas mãos”
(2 Crônicas 29.14b).

E ficaram admirados com ele. De uma aparente pergunta séria quanto a limites de poder, escondendo uma cilada perigosa, Jesus havia retornado à base de tudo, assim como Ele fez quando O perguntaram sobre o direito mosaico de divorciar-se. **Tudo** devemos a Deus e somente podemos dar-nos a Ele, se antes devolvermos a César o que é de César.

Há algo que é “de César” e que impede você de seguir a Jesus? Devolva-o! Você foi feito a imagem de Deus, você não deve ser devedor de outro!

Interpretação de John Dominic Crossan

Augustus é chamado de "filho do divinizado". A família de Júlio César tradicionalmente reivindicava descender de Vênus e Iulus, filho de Enéias. Augusto, que era apenas sobrinho-neto de Júlio César (pelo lado materno), herdou a propriedade de César, depois de seu assassinato. Tomou seu nome de Caius Octavius, passou a Caio Júlio César Octaviano ("Augusto" era um título honroso que lhe foi dado mais tarde) e se considerou seu filho. Depois do aparecimento de um cometa durante jogos comemorativos, Júlio César foi declarado divinizado e, daí em diante, seu "filho" passou a ser "o filho do divino". Depois da divinização, as imagens de Júlio César tinham uma auréola com raios como os do sol. Quando o próprio Augusto morreu em 14 d.C., um senador mais antigo jurou tê-lo visto a forma do imperador subindo aos céus depois da cremação. Ele foi oficialmente declarado um deus, e suas imagens adquiriram a auréola radiada.

Após a morte de Julio César seu filho adotivo Augusto mandou colocar a imagem de uma estrela de um lado da moeda e de outro um rosto seu dizendo : DIVI FILIUS, ou seja, filho divino por causa do cometa que ele viu durante os jogos comemorativos em Roma.

Cometa César

Cometa César foi o cometa mais famoso de sua época, e um dos mais brilhantes já testemunhados. Foi visível durante um festival romano anual realizada em 44^a.C., logo após a morte de Júlio César. As citações a seguir são do maior Cometa na História: Broom Estrelas e Celeste Scimitars por David Seargent:

Este foi o cometa que brilhou no céu de Roma depois do assassinato de Júlio César e que foi immortalizado pelos romanos no reverso de uma moeda tendo um retrato de Augusto filho adotivo de Julio Cesar e do outro uma estrela em honra do grande Júlio que segundo Augusto seria aquele cometa ou estrela e agora tinha se tornado um Deus juntos com os deuses e ele Augusto portanto era o FILHO DIVINO.

De acordo com Plínio, Octavian escreveu que:

"Em dias muito dos meus jogos, um cometa foi visível ao longo de sete dias, na região norte do céu. Ele subiu na undécima hora do dia e era brilhante e claramente visto de todas as terras"

John Dominic Crossan no livro *God and Empire: Jesus Against Rome, Then and Now* (2007), diz que: "há um ser humano do primeiro século, que foi chamado de Divino, Filho de Deus, Deus e Deus dos deuses, e cujos títulos foram Senhor, Redentor, Libertador e Salvador do Mundo. Os cristãos provavelmente irão pensar que esses títulos foram originalmente criados e aplicados exclusivamente a Cristo. Mas antes de Jesus ter existido, todos esses termos pertenciam a César Augusto".

Crossan cita que a adoção dos mesmos títulos pelos primeiros cristãos para referi-se a Jesus era uma forma de negar-lhes a César Augusto. "Eles estavam tirando a identidade do imperador romano e dando-lhe a um judeu camponês. O que era ou uma brincadeira e uma particularidade muito baixa, ou o que era pelos romanos chamado majistas e que nos conhecemos como alta traição".

Jesus e os tributos romanos

A tese de que Jesus no texto Mc 12.13-17 esteja, na verdade, devolvendo a pergunta e, simultaneamente, ampliando a discussão é a que mais respaldo detém entre os pesquisadores. Ela se baseia no fato de que, entre a pergunta formulada

(v.14) e a resposta propriamente dita (v.17), há uma inserção de dois versículos, em que é introduzida uma questão relacionada aos denários romanos (vv.15-16). A inserção é assim apresentada pelo texto:

v. 15: Ele, porém, conhecendo sua hipocrisia, disse: "Por que me pondeis à prova? Trazei-me um denário para que o veja. 16: Eles trouxeram. E ele disse: "De quem é esta imagem e a inscrição?" Responderam-lhe: "De César".

Que sentido teria esse pedido de Jesus pela apresentação de denários da parte dos seus adversários? A resposta usual vai no sentido de afirmar o seguinte: O emprego de denários romanos pelos próprios adversários não revela outra coisa senão a hipocrisia de sua própria pergunta.

Ora, segundo consenso na pesquisa, o denário apresentado a Jesus era o denário imperial, moeda cunhada a mando do imperador Tibério e de generalização generalizada nas províncias do império. Na sua efígie era apresentada a face de Tibério, com a seguinte inscrição circunscrita:

Ti. CAESAR DIVI - AVG. F. AVGVSTVS, por extenso: TIBERIUS CAESAR DIVI AVGVSTI FILIVS AVGVSTVS, ou seja: TIBÉRIO CÉSAR, AUGUSTO, FILHO DO DIVINO AUGUSTO.

Considerando as leis dos judeus, sobretudo a proibição de fazer imagens e de adorar ídolos, o emprego de denários romanos por parte de fariseus e herodianos, adversários de Jesus, só podia representar um sacrilégio: o denário concedia a Tibério atributos divinos ("Augusto"), e o uso de imagens para o divino estava proibido entre os judeus (cf. Ex 20.2-6). Jesus, assim, desmascara seus adversários e a pergunta por eles formulada. Em primeiro lugar, por praticarem a idolatria. Em segundo lugar, por ficar evidente que quem carrega os próprios denários romanos em seu bolso e negocia com eles está dando assim, um testemunho inconfundível de que é também a favor da cobrança em forma de tributos. Dentro dessa linha de raciocínio, tudo se decide no fato de serem os fariseus e herodianos os que portam consigo as moedas e de representarem as moedas uma idolatria pública, mas aparentemente tolerada pelos adversários.

Jesus é contrário ao pagamento de tributos aos romanos, mas defende sua tese com o recurso da ambivalência, sobretudo pelo pelo perigo que representava politicamente assumir algo assim como um "desobediência civil ao pagamento dos tributos".

O objetivo real de Jesus, ao pedir um denário imperial, está claramente contido na formulação da pergunta: "**De quem é esta imagem e a inscrição?** Jesus está, pois, querendo tornar claro a questão da pertença da moeda. A imagem é de César, a inscrição de rosto refere-se a ele, a inscrição do verso também, logo, a moeda do denário é um bem seu. E unicamente isso que está em jogo aqui. E é isto que Jesus está procurando ressaltar: uma moeda cunhada a mando de alguém pertence a esse alguém.

Assim, quais seriam as coisas que Jesus identifica como sendo de César no recurso da solicitação pelo denário? A resposta só pode ser uma: são as moedas dos denários.

O denário tinha uma força simbólica muito forte no Império Romano. Ele simbolizava inicialmente o poder político e econômico dos romanos, já que era, simultaneamente, instrumento da política imperial, cambial (era moeda oficial e parâmetro para o câmbio com outras moedas) e fiscal (era a moeda oficial para pagamento dos tributos) do império. Além disso, era indiscutivelmente também um símbolo religioso, pois concedia atributos divinos aos soberbos, o que retrata, sobretudo, o título de "Augusto" (= venerável).

Se entendida sob esse pano de fundo, a proposta de Jesus assume uma compreensão mais profunda. O verbo que Jesus utiliza na resposta é o grego *apodímodi*, com o sentido de "devolver", diferente do verbo usado na pergunta pelos fariseus e herodianos *dídome*, significando "dar"/ "pagar". Assim "devolver" a César a sua moeda parece, pois, não ter outra intenção senão tirar da Palestina o mais expressivo símbolo da hegemonia do império.

Outra coisa: por que Jesus, em sua resposta, faz referência a Deus, quando a pergunta de fariseus e herodianos referia-se exclusivamente a César?

Havia uma visão divergente entre judeus e romanos acerca da legitimidade de arrecadação de impostos por parte do império. Para os romanos, o território conquistado era propriedade pública, do estado. Para o judaísmo, entretanto, a terra de Israel era de Deus. Assim, se questionava a legitimidade de os romanos se acharem senhores do povo judeu só por tê-los conquistado militarmente. Jesus está, pois, pleiteando diante dos seus adversários que seja devolvido a Deus aquilo que, segundo o testemunho bíblico, só a Ele pertence, ou seja, a sua terra e o seu povo.